



LHM

## O MULTICULTURAL E O MULTI-AFETIVO: ENTRELAÇAMENTOS PÓS-COLONIAIS

Letícia Romariz \* 1

\*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

e-mail: leticiaromariz@gmail.com

**Resumo:** Os estudos pós-coloniais analisam, também, a confluência de pessoas e os encontros que ocorrem nas grandes cidades do mundo. Além do choque de culturas, há também um histórico de colonização e exploração que gerou ideias e preconceitos até hoje existentes. A autora caribenha Grace Nichols discute em seu *The Fat Black Woman's Poems* (1984) a (sobre)vivência de uma mulher preta, gorda e caribenha na metrópole Londrina discutindo noções de casa, pertencimento e, principalmente, questões afetivas. Ao estudar sua obra, este artigo propõe uma análise pós-colonial que engloba os afetos que as cidades multiculturais carregam e como eles são parte fundamental das transformações mundiais contemporâneas.

**Palavras-chave:** Pós-colonial. Grace Nichols. Casa. Diáspora. Afeto.

### The Multicultural and The Multiafektive: Postcolonial Interweavings

**Abstract:** The postcolonial studies focus, as well, on the people confluence and the encounters that occur in the big cities of the world. In addition to the cultural shock, there is also a history of colonization and exploitation that created ideas and bias existing until nowadays. The Caribbean author Grace Nichols discuss in her book *The Fat Black Woman's Poems* (1984) the survival of a black, fat, Caribbean woman in the London metropole by discussing notions of home, belonging, and, mostly, affective questions. With the study her work, this article proposes a postcolonial analysis that encompasses the affections these multicultural cities carry and how they are fundamental part of current world transformations.

**Keywords:** Postcolonial. Grace Nichols. Home. Diaspora. Affection.

---

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit/UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0012855923922923>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3911-418X>.



## Introdução

Cidades multiculturais são uma marca da contemporaneidade e tema importante de investigação das teorias pós-coloniais. Entretanto, o “multi” em multiculturais nem sempre aborda as múltiplas faces que essas cidades apresentam. Neste artigo, além de investigar o aspecto multicultural a partir do livro *The Fat Black Woman’s Poems* (1984) da autora guianense Grace Nichols, também será explorado o lado afetivo, ou multi-afetivo, que a confluência de culturas, pensamentos e pessoas causam e como o afeto pode ser um tópico norteador para análises literárias dentro do pós-colonialismo, feminismo e outras teorias interseccionais.

## Cidades multiculturais e seus desafios

O começo do século XXI presencia “uma nova fase de movimentos populacionais em massa” (BRAH, 1996, p. 178) que acompanha “importantes reajustes na ordem política mundial junto de transformações na economia política do capitalismo do século XX” (BRAH, 1996, p. 179). O número de migrações aumentou rapidamente desde 1980 e “as desigualdades entre regiões, expansão da mobilidade de capital, desejo de buscar oportunidades para melhorar as chances na vida, conflitos políticos, guerras e fome são alguns dos fatores que permanecem como ímpeto por trás dessas migrações”<sup>2</sup> (BRAH, 1996, p. 178). Esse novo contexto mundial demanda uma reinterpretação das nossas interações globais e íntimas em face às novas configurações de fronteiras, em especial, demanda uma reconfiguração de como enxergamos essas cidades e centros que se tornaram multiculturais.

O termo multicultural, de acordo com Stuart Hall, descreve as “características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retem algo de sua identidade ‘original’” (2003, p. 52) enquanto que o multiculturalismo é substantivo e se refere “às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais, [...] usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a

---

2 Tradução nossa. Salvo quando indicado, todas as traduções deste artigo são de nossa autoria.



doutrina que sustenta as estratégias multiculturais” enquanto que o multicultural “é, por definição, plural” (2003, p. 52). Os termos são hoje interdependentes e se refere, então, às configurações das cidades e lugares contemporâneos que possuem uma confluência de culturas, povos e pensamentos. Apesar de ser um termo bastante questionado, é ainda amplamente usado pois “na falta de conceitos menos complexos que nos possibilitem refletir sobre o problema, não resta alternativa senão continuar utilizando e interrogando esse termo” (HALL, 2003, p. 51). Apesar de ser tão questionado, o multiculturalismo defende o não-apagamento das pluralidades que coexistem e são frequentemente desafiadas por uma ordem de hegemonia. Viver nessas cidades pode ser um desafio, principalmente para aqueles que nelas chegam de países considerados de terceiro mundo.

A maneira como o mundo ocidental foi formado, principalmente em relação às construções coloniais de poder, baseia-se em uma série de exclusões. Os fatores acima mencionados são um efeito dessa ordem mundial. Para manter uma classe de pessoas como superior e detentora do poder, uma lógica de justificativa foi criada para manter outras classes como inferiores. Segundo Walter Mignolo, a razão colonial foi sendo modificada ao longo dos séculos. No século XVI, a exclusão baseava-se em configurações religiosas e raciais, os “infiéis” – gentios, judeus, pagãos – eram aqueles marginalizados. No século XVIII, com a gradual perda de poder da Igreja Católica, essa lógica virou-se para os estados nações. Agora os excluídos eram os estrangeiros, bárbaros, nas fronteiras das nações europeias. O terceiro estágio que Mignolo aponta é o cenário da Guerra Fria no qual, em função de uma suposta defesa dos direitos humanos, o comunismo e seus adeptos eram os vilões e toda a violência foi voltada para eles. Hoje, porém, o cenário de marginalização foca nos “perigos” dos imigrantes africanos e latino-americanos na Europa e nos Estados Unidos. Independente da época, dos métodos ou focos, sempre houve elementos em comum: identificação de fronteiras e do exterior, componentes raciais e questões ideológicas. De qualquer forma, a exclusão como via de ascensão a um controle ou poder esteve presente (MIGNOLO, 2002, p. 177). É nesse contexto que os imigrantes do século XXI vivem e tentam superar.



## Entrando na literatura

Diversos autores e obras literárias contemporâneas lidam com essas mudanças que os novos movimentos no globo trouxeram à tona. Um exemplo é Grace Nichols, uma autora caribenha que mora na Inglaterra desde 1977. Seus trabalhos foram influenciados por tal aspecto biográfico de sua vida, principalmente seu segundo livro, *The Fat Black Woman's Poems* (1984). Nele, a mulher preta e gorda é um sujeito diaspórico do Caribe morando na antiga metrópole, Londres, e lidando com as dificuldades da vida de imigrante através dos seus atos cotidianos. Por ser a representação do que as normas ocidentais estabelecidas pela colonização tentam excluir e marginalizar – gorda, preta, mulher, caribenha, imigrante – a mulher preta e gorda existe no livro enquanto figura de resistência.

Morar nesse espaço entre o Caribe e a Inglaterra significa viver em diáspora. A diáspora constitui um espaço significativo para questionar e desestruturar noções pré-estabelecidas tidas como verdades universais. É um terreno de “disputas políticas e culturais, onde memórias individuais e coletivas colidem, reagrupam-se e se reconfiguram, então criando zonas de esperança e de novos começos” (BRAH, 1996, p. 193). No livro *Searching for Safe Spaces: Afro-Caribbean Women Writers in Exile*, a intelectual haitiana Myriam Chancy afirma que o exílio é, paradoxalmente, “a fonte de onde várias mulheres afro-caribenhas encontram força para contrapor múltiplos focos de opressão” (1997, p. 33). Escrevendo na Inglaterra, a mulher preta e gorda de Nichols e outros sujeitos em diáspora que aparecem no livro conseguem “reivindicar o espaço dos seus conquistadores ao mesmo tempo em que olham para a sua casa no Caribe criticamente” (CHANCY, 1997, p. 33). O aspecto multicultural das grandes cidades do mundo transformou tais espaços em campos de batalha em que a diferença cultural pode ser negociada. A mulher preta e gorda usa esse espaço de negociação para questionar e redefinir a noção de casa e assim também redesenha as próprias categorias que definem ela e sua identidade como marginalizadas.

O termo diáspora, usado pela primeira vez na história para descrever os movimentos de Judeus após o êxodo babilônico, refere-se a uma jornada ou, como Avtar Brah denomina, várias jornadas, cada uma com suas particularidades (1996, p. 183). De acordo com essa autora, cada diáspora é “um entrelaçamento de múltiplas viagens: um texto de muitas narrativas distintas e, talvez, até discrepantes” (1996, p. 183). Seu sentido original é de “dispersão de” (BRAH, 1996, p. 181) e, portanto, evoca um centro, uma casa. Entretanto, seu



significado mudou ao longo do tempo por conta dos novos tipos de diásporas mundiais. Brah afirma que no contexto da proliferação de novas travessias de fronteiras a língua das fronteiras e da diáspora adquirem um novo câmbio (1996, p.179). Do mesmo modo, Chancy chama esse espaço de exílio um paradoxo, como acima mencionado, e afirma que isso traz uma oportunidade de uma renovada visão de si (1997, p. 1217).

Os poemas “Fear” (NICHOLS, 1984, p. 30-31) e “Two Old Black Men on a Leicester Square Park Bench” (NICHOLS, 1984 p. 42-43), em *The Fat Black Woman’s Poems*, podem ajudar a explicar essas novas configurações. Através de novas maneiras de representar as relações de casa em uma diáspora, a própria noção de casa e dos espaços com que casa é conectada são complexificados. Na diáspora Judaica e em outras diásporas consideradas “tradicionais”, a relação com casa ou algum lugar de partida é muito forte. Porém, nesses novos movimentos, casa é um termo complexo. Em “Two Old Black Men”, a mulher preta e gorda contempla esse novo lugar que é Londres e a antiga casa desses dois homens.

What do you dream of you  
old black men sitting  
on park benches staunchly  
wrapped up in scarves  
and coats of silence  
eyes far away from the cold  
grey and strutting  
pigeon  
ashy fingers trembling  
(though it’s said that the old  
hardly ever feel the cold)

.....  
O it’s easy  
to rainbow the past  
after all the letters from  
home spoke of hardships  
and the sun was traded long ago

A volta para casa não é um fator necessário nessas novas diásporas. Na verdade, pode nem haver um desejo de ir para casa, mas sim de se sentir em casa onde quer que se esteja. Em “Diaspora, borders and transnational identities”, Brah pergunta onde é casa, mas não é capaz de dar apenas uma resposta porque casa é mais complexo do que um simples lugar de retorno. “Por um lado”, ela afirma, “casa é um lugar mítico de desejo na imaginação diaspórica. Nesse sentido, é um lugar de não retorno, mesmo que seja possível visitar o território geográfico que é visto como o lugar de origem” (1996, p.192), o que é exatamente



o que esses dois homens sentados em um banco sonham sobre: um ilusório Caribe do passado que nunca foi como a imaginação deles acredita. “Pelo outro lado”, a autora continua, “casa também é a experiência vivida em uma localidade. Os sons e cheiros, o calor e a poeira, noites de verão agradáveis, alguns céus cinzas no meio do dia [...] tudo isso, como mediado pelo historicamente específico dia-a-dia das relações sociais” (1996, p. 192). Portanto, pode-se entender que o sujeito diaspórico não necessariamente deseja voltar para casa, mas se sentir em casa onde está. É uma necessidade de pertencimento, o que esses dois homens aparentemente só conseguem encontrar no passado.

Ao mencionar a localização de Leicester Square no título, uma imagem de cidade turística, com cinemas, teatros e de uma localização rica é construída. Esses dois homens velhos, que mal conseguem lidar com o frio do inverno londrino, tendo que usar várias camadas de roupa, tentando ignorar o frio metafórico da cidade – imagem presente em outros poemas do livro – são confrontados com essa cidade da qual não fazem parte. O poema evoca, então, uma nostalgia de pertencimento.

Tal situação apresentada retoma a discussão dos sujeitos “sem estado”, pessoas que “por várias razões foram forçadas a deixar seus países para viver em outras terras sem que pudessem obter o *status* de cidadãos” (ALMEIDA; ZACHI, 2018 p. 7). Aqui, o estado que agrega uma coletividade “em nome da nação, evocando – forçosamente senão poderosamente – certa versão da nação, [...] também desagrega, libera, expulsa e bane” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 17). Dessa forma, esses dois homens na Leicester Square podem ser definidos como contidos e destituídos pelo estado ao mesmo tempo, o Estado da Inglaterra, nesse caso. Eles estão “sob o controle do poder do estado”, mas “sem proteção legal, mas de maneira nenhuma relegadas[os] a uma ‘vida nua’: é uma vida impregnada de poder” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 20), gerando uma sensação, talvez, de vazio, “sensação mesma de não saber onde se está e se um dia haverá outro lugar onde estar ou para onde ir” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 21). Essa é a forma, retomando o que mencionamos no início do artigo, que o Estado-nação bane e destitui suas minorias nacionais “para conseguir um fundamento legitimador para si mesmo” (BUTLER; SPIVAK, 2018, p. 38). A sensação de não pertencimento desses homens, então, é construída pelos próprios aparatos do Estado da Inglaterra.

Para falar de pertencimento, precisamos retornar ao conceito de casa, o qual não é um conceito simples. Para Rosemary Marangoly George, o conceito de casa tem sido lido



como um “terreno de discursos conservadores”, “abandonado aos seus clichês” (1999, p. 3), mas também tem “aparecido teorizações que reconfiguram tal noção fixa de casa” (1999, p. 3). A definição de casa, como é comumente compreendida, depende de divisões binárias de casa/não-casa, eu ou nós/ eles ou os “Outros”. É no espaço privado de onde “o indivíduo se desloca para as arenas mais amplas da vida e para onde ele ou ela retorna ao fim do dia” (GEORGE, 1999, p. 11). É também o “lugar geográfico mais amplo a que uma pessoa pertence: país, cidade, vila, comunidade” (GEORGE, 1999, p. 11). Em outras palavras, depende de exclusões e inclusões. Essas inclusões estão “enraizadas em uma noção aprendida (ou ensinada) de parentesco que é estendido àqueles percebidos como compartilhando o mesmo sangue, raça, classe, gênero ou religião” mantidas por “laços de amor, medo, poder, desejo e controle” (GEORGE, 1999, p. 9). Portanto, a noção de casa está em intersecção com a noção de si mesmo e de identidade e com tudo o que perpassa a subjetividade de um indivíduo, como os sentimentos. Não à toa o nome do poema discutido a seguir é “medo”.

Em “Fear” (NICHOLS, 1984, p. 30-31), os britânicos “civilizados” perguntam à mulher preta e gorda se ela vai voltar para casa algum dia. Ela responde: “but of course / home is where the heart lies”, apontando para a nova casa que ela pode ter encontrado neste novo país. Ao responder enfaticamente esse/a interlocutor/a com o que, provavelmente, ele/ela deseja escutar – já que a pergunta é quase uma imposição a lembrar a mulher preta e gorda que ela não “pertence” em Londres – a mulher preta e gorda brinca, ironicamente, com as expectativas desse/a interlocutor/a. A palavra “lies” está separada por um espaço maior do resto da frase, sugerindo uma pausa no discurso. “Home is where the heart lies” é um famoso dizer, mas a separação da última palavra aponta para um outro significado de “lies”, no sentido de mentira. Ironicamente, como se a mulher preta e gorda não entendesse o preconceito e a violência implícita na pergunta, ela produz o seu próprio implícito na sua resposta, apontando para uma nova visão de casa e para o seu direito, e poder, de se sentir em casa em Londres. Apesar disso, não é fácil se sentir em casa em um lugar repleto de preconceitos contra imigrantes. Após responder tal pergunta sobre ir para casa, a mulher preta e gorda segue no poema em devaneio:

I come from a backyard  
 where the sun reaches down  
 mangoes fall to the ground



politicians turn cruel clowns

O/a leitor/a pode então esperar ver uma visão romantizada do Caribe, alinhada com o lugar mítico de que Brah nos fala. Mas essa expectativa é frustrada no último verso. Ela segue em devaneio, então, sobre o lugar em que se encontra agora:

And here? Here  
sometimes I grow afraid  
too many young blacks  
reaping seconds  
indignant cities full of jail

Ao contrastar esses dois lugares, pode parecer estranho que uma mulher preta e gorda tenha encontrado uma casa em tal lugar descrito. É um lugar de aflição, em que suas expectativas de uma vida melhor não foram encontradas e em que as próprias instituições que deveriam proteger os cidadãos são de quem a mulher preta e gorda tem medo. Nós vemos uma polarização neste poema entre os ingleses e imigrantes (caribenhos), aparecendo até no uso de possessivos como “nossa pele” e “a sua” e na distinção entre o lugar de onde a mulher preta e gorda vem e “aqui”. Entretanto, essa separação é complexificada pelas novas configurações da vida da mulher preta e gorda que não se submete às divisões simplistas que tentam classificar o mundo. Essa complexificação e o apagamento das linhas divisórias desses binários encontram-se logo no início do poema:

Our culture rub skin  
  
Against your own  
Bruising awkward as plums  
black music enrich  
food spice up  
  
You say you're civilized  
a kind of pride  
ask, 'Are you going back sometime'?

A pele, a música e a comida presentes neste cenário apontam para uma comunidade diaspórica que talvez seja o que proporciona à mulher preta e gorda a sensação de pertencimento neste lugar hostil que “bruises awkward as plums”, ou seja, que machuca como plumas, de maneira sutil e velada. O processo de pertencer é “intrinsecamente ligado ao modo em que os processos de inclusão e exclusão operam e são subjetivamente



experienciados sob certas circunstâncias” (BRAH, 1996, p. 192). Ele é centralmente sobre “lutas políticas e pessoais sobre a regulação social do ‘pertencer” (BRAH, 1996, p. 192). Do mesmo modo, a narrativa da mulher preta e gorda em “Fear” mostra como esse processo é privado e político ao mesmo tempo, apagando os limites entre essas esferas. Com a mesma linha de raciocínio, Chancy afirma que o “verdadeiro retorno para casa de pessoas e povos exilados é a revolução de um auto-amor consciente e autoconhecimento”, ou seja, o privado afeta o político. Seguindo essa fala de Chancy, voltar para casa, como foi perguntado em “Fear”, já foi atingido, pois a mulher preta e gorda é capaz de reivindicar “a beleza e a sabedoria da mulher negra e findar a nossa[sua] alienação” (1997, p. 219). Talvez esta seja a única volta para casa possível, pois, assim como Stuart Hall declara, “é impossível ‘voltar para casa’ de novo” (2003a, p. 416).

As habituais e arraigadas categorias de casa e pertencimento, que criam esses espaços e cidades divididos entre aqueles considerados “britânicos” e aqueles que simplesmente não o são, estão relacionadas com a ideia de que se você pertence originalmente a algum outro lugar, você sempre pertencerá a ele. Identidades, neste sentido, são consideradas imutáveis. Porém, identidades não são formadas instantaneamente ou dadas no nascimento; são construções e remodelações de si contínuas. Ainda mais em um contexto diaspórico, em que “as identidades se tornam múltiplas.” (HALL, 2003b, p. 27). De acordo com Hall, o termo “‘identidade cultural’ carrega consigo tantos tragos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice”, levando o autor a questionar “como devemos ‘pensar’ as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença e disjunção?” (HALL, 2003b, p. 28). Do mesmo modo, a mulher preta e gorda tenta reivindicar sua identidade nesse novo contexto diaspórico, não deixando de lado o Caribe, mas aceitando onde ela se encontra agora e modificando o que significa ser uma cidadã deste local.

A noção de casa da mulher preta e gorda desmantela as noções básicas de divisão que estabelecem casa como conhecemos. A resposta que a mulher preta e gorda dá para a pessoa “civilizada” que a pergunta quando ela vai voltar para casa não está, para ela, relacionada a um lugar ou ideia fixa. Casa não é algo dado e pronto, é onde “the heart lies”, onde está o coração. Ao negar essa fixidez de casa e do que vem junto com uma noção pejorativa de imigrante caribenha, a mulher preta e gorda reconstrói sua própria identidade enquanto sujeito diaspórico, empoderando-se. Desafiando a noção simplista de Londres



como não-casa e o Caribe como casa, a mulher preta e gorda também desafia as categorias que a modelam negativamente enquanto imigrante. Para ela, casa se torna “lugares esculpido de portas fechadas, fronteiras fechadas e aparatos de rastreamento [...] ‘casa’ se torna um terreno disputado em tempos de tumulto político” (GEORGE, 1999, p. 18).

Esse cenário é permeado pelo medo, raiva e afeto, que têm, em geral, um grande papel como mediadores. O desejo de pertencer, o medo pela sua vida, a raiva contra as injustiças, o anseio, todos esses elementos fazem parte da vida do imigrante assim como representados nos poemas da mulher preta e gorda. Para além de apenas fazer parte, eles influenciam a resignificação dos conceitos estabelecidos pela ordem mundial. É necessário rever a noção do pertencimento e o conceito de casa, aqui, através do afeto. Michael Hardt afirma que pensar o afeto, ou a virada afetiva, “ilumina, em outras palavras, ambos o nosso poder de afetar o mundo ao nosso redor e o nosso poder de ser afetados por ele, junto da relação entre esses dois poderes” (2007, p. ix). A emoção tem sido vista ao longo dos séculos como “inferior às faculdades do pensamento e da razão” (AHMED, 2014, p. 3), sendo narrada como “um sinal de ‘nossa’ pré-história, como um sinal de como o primitivo persiste no presente” (AHMED, 2014, p. 3), o que levou a um esquecimento, negligência ou até abandono das emoções. Apesar de não serem consideradas, por exemplo, no fazer científico, as nossas emoções são parte de toda e qualquer ação política ou privada. Inclusive, a emotividade como uma “afirmação *sobre* um sujeito ou uma coletividade é claramente dependente das relações de poder, as quais conferem ao ‘outro’ significado e valor” (AHMED, 2014, p. 4). É esse ato de atribuir significado ao outro que estabeleceu a mulher preta e gorda como inferior, entendida como imigrante não pertencente ao espaço em que está.

A configuração política e social que afeta a experiência da mulher preta e gorda em Londres já foi aqui discutida. Entretanto os afetos relacionados a tais experiências não foram considerados. Apesar de os seus poemas sempre trazerem as questões da emoção, não é comum uma análise pós-colonial, por exemplo, considerar os afetos presentes nas relações entre fronteiras. Não apenas os afetos do sujeito diaspórico, nesse caso a mulher preta e gorda, devem ser levados em consideração, mas também daqueles que excluem e mantêm a ordem de marginalização. Os cidadãos londrinos – ou aqueles legalmente e socialmente considerados como cidadãos – sentem medo pois se sentem ameaçados pela presença do Outro, do imigrante – que foi outrizado por eles mesmos. Esse medo é o medo de ter seu



espaço de controle e dominação minado, enquanto que o medo dos imigrantes é o de ter suas vidas e dignidade corporal ameaçadas. É isso que o poema “Fear” narra, porém, ele traz outro elemento afetivo: a comunidade.

bell hooks em seu livro *All About Love*, amplia a noção que temos de amor. A autora afirma que quando vemos o amor “como a vontade de nutrir o crescimento espiritual próprio através de atos de cuidado, respeito, conhecimento e assumindo responsabilidade, a fundação do amor na nossa vida é o mesmo” (2001, p. 136). Assim, a autora continua, “não existe um espaço exclusivo reservado para parceiros românticos” (2001, p. 136). A mulher preta e gorda encontra esse amor que a nutre na comunidade que ela encontra em “Fear”, mas também nela mesma, o que se alinha com a revolução de auto-amor de Chancy, pois ela se afirma, ao longo do livro, como a própria definição de beleza, como a ganhadora do concurso de Miss Mundo, entre outras situações em que se eleva à posição hierárquica daqueles que a construíram como inferior. É através desse afeto que a relação de pertencimento e de casa pode ser redefinida, redefinindo assim a visão da mulher preta e gorda sobre ela mesma – sua identidade – e provocando uma modificação no espaço em que ela vive.

### Considerações finais

Todos esses questionamentos não significam que a mulher preta e gorda encontrou um lugar para chamar de casa ou que ela se sente pertencente a Londres. Tão pouco é uma afirmação de como a sua relação com o Caribe ocorre. Assim como o espaço diaspórico, a noção de casa fornece à mulher preta e gorda terreno para questionamentos. Eu concordo com George quando ela conclui que “talvez a posição a se tomar, ao escrever e ler ficção tanto quanto em viver, é reconhecer o prazer sedutor de pertencer em casas, em comunidades e em nações – enquanto trabalhando para mudar os princípios reguladores das exclusões e inclusões” (1999, p. 200). É necessário aceitar e, ainda mais, perceber a influência que os nossos afetos e emoções têm no nosso dia-a-dia, no nosso fazer político. A mulher preta e gorda consegue questionar e desafiar diversas categorias binárias através dessa noção fixa de casa apenas porque ela possui o desejo de pertencer. É o afeto aqui que motiva e leva a mulher preta e gorda a questionar o contexto político que a exclui e marginaliza. O cruzamento de fronteiras que o contexto diaspórico pressupõe é aqui



alcançado através e provocado por afetos, principalmente, pelo desenvolvimento do auto-amor. As cidades multiculturais, então, devem ser consideradas também como multi-afetivas.

## Referências

AHMED, Sarah. **The Cultural Politics of Emotion**. 2 ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

BRAH, Avtar. "Diaspora, Border and Transnational Identities". In: \_\_\_\_\_. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. Abingdon: Routledge, 1996, p. 178-210.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o Estado-nação? Língua, política, pertencimento**. Tradução por: Vanderlei Zacchi, Sandra Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CHANCY, Myriam J. A. **Searching for Safe Spaces: Afro-Caribbean Women Writers in Exile**. Filadélfia: Temple University Press, 1997.

GEORGE, Rosemary Marangoly. **The Politics of Home: Postcolonial Relocations and Twentieth-Century Fiction**. Oakland: University of California Press, 1999.

HALL, Stuart. "Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior". In: \_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 25-50.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARDT, Michael. **The Affective Turn: Theorizing the Social**. Durham: Duke University Press, 2007.

HOOKS, bell. **All About Love: New Visions**. Nova Iorque: Harper Perennial, 2001.

MIGNOLO, Walter. "The Many Faces of Cosmo-polis: Border Thinking and Critical Cosmopolitanism". In: Breckenridge, Carol A. et al. (eds). **Cosmopolitanism**. Durham: Duke University Press, 2002, p. 157-188.

NICHOLS, Grace. **The Fat Black Woman's Poems**. Londres: Virago, 1984.

ZACCHI, Vanderlei; ALMEIDA, Sandra. "Prefácio: Cantar a nação, encenar a teoria crítica". In: **Quem canta o Estado-nação? Língua, política, pertencimento**. Tradução por: Vanderlei Zacchi, Sandra Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018, p. 5-14.

